



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

A FORMAÇÃO DO LICENCIANDO EM FILOSOFIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS/UFAL

JOSÉ APARECIDO DE OLIVEIRA LIMA

ELIZABETE AMORIM DE ALMEIDA MELO

EIXO: 18. FORMAÇÃO DE PROFESSORES. MEMÓRIA E NARRATIVAS

Resumo: Nesse construto, objetivamos discutir sobre alguns aspectos que envolvem a formação do licenciando em Filosofia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como: elementos importantes do PPC do Curso; a importância das disciplinas pedagógicas; a relação entre teoria e prática; a formação docente inicial e a prática docente do futuro professor de Filosofia. Entendemos que no processo de formação do professor-pesquisador de Filosofia é essencial o desenvolvimento de experiências teóricas e práticas que possibilitem ao licenciando a transposição didática, ou seja, transformar o conteúdo erudito em algo acessível ao aluno do ensino médio (RODRIGO, 2009). Para isso, faz-se necessário um professor-pesquisador bem formado.

Resumen: En esta construcción, pretende discutir acerca de algunos aspectos que implican la formación de las licencias en la filosofía de la Universidade Federal de Alagoas (UFAL), cómo: elementos importantes de la PPC del curso; la importancia de la enseñanza de las disciplinas; la relación entre teoría y práctica; inicial del profesorado de formación y práctica del futuro profesor de filosofía de enseñanza. Entendemos que en el proceso de formación del profesor-investigador de la filosofía es esencial para el desarrollo de experiencias teóricas y prácticas que permiten la transposición didáctica licencias, es decir, para transformar el contenido académico en algo accesible para el estudiante de secundaria (RODRIGO, 2009). Para ello, es necesario un profesor investigador bien formado.

Introdução[i]

Este trabalho procura discutir sobre alguns aspectos que envolvem a formação do licenciando em Filosofia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como: elementos importantes do PPC do Curso; a importância das disciplinas pedagógicas; a relação entre teoria e prática; a formação docente inicial e a prática docente do futuro professor de Filosofia.

É importante ressaltar que concebemos a relação entre teoria e prática como algo inseparável (PIMENTA, 2004). Desta forma, o debate sobre a formação inicial dos licenciandos envolve, necessariamente, a formação dos próprios professores formadores; as práticas curriculares e os discursos (ditos e não ditos) no interior do Curso de Filosofia; a prática docente do futuro professor em formação e a concepção de filosofia, de homem (antropologia) e de conhecimento (epistemologia). Em outros termos, todos esses aspectos estão intrinsecamente relacionados.

As Diretrizes Curriculares Nacionais e o Curso de Filosofia da UFAL

Atualmente, os Cursos de Filosofia no Brasil seguem as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN/2002). Este documento rege tanto as licenciaturas quanto os bacharelados em Filosofia e deixa claro o objetivo pretendido:

- ü Capacitação para um modo especificamente filosófico de formular e propor soluções a problemas, nos diversos campos do conhecimento;
- ü Capacidade de desenvolver uma consciência crítica sobre conhecimento, razão e realidade sócio-histórico-política;
- ü Capacidade para análise, interpretação e comentários de textos teóricos, segundo os mais rigorosos procedimentos de técnica hermenêutica;
- ü Compreensão da importância das questões acerca do sentido e da significação da própria existência e das produções culturais;
- ü Percepção da integração necessária entre a filosofia e a produção científica, artística, bem como com o agir pessoal e político;
- ü Capacidade de relacionar o exercício da crítica filosófica com a promoção integral da cidadania e com respeito à pessoa, dentro da tradição de defesa dos direitos humanos;

ü Capacidade de leitura e compreensão de textos filosóficos em língua estrangeira;

ü Competência na utilização da informática (DCN, 2002, p. 3).

Como é possível perceber, esse documento descreve as habilidades e as competências desejadas para o professor/pesquisador em Filosofia, ou seja, não faz distinção entre o licenciando e o bacharel dessa área.

Além disso, o documento também busca orientar na elaboração do Projeto Político dos Cursos de Filosofia no nosso país. Como é um documento oficial do Ministério da Educação – MEC – deve ser seguido e respeitado.

Seguindo essas diretrizes gerais, o Projeto Político do Curso de Filosofia da UFAL (PPC de Filosofia, 2006, p. 16) afirma que o graduando em Filosofia deve apresentar: sólida formação de história da Filosofia, que capacite para a compreensão e a transmissão dos principais temas, problemas, sistemas filosóficos, assim como para a análise e reflexão crítica da realidade social em que se insere.

A partir desse documento (PPC de Filosofia da UFAL, 2006), inferimos que o formando deve adquirir o conhecimento filosófico ao longo do Curso, de tal forma que sirva de base para o processo de ensino e aprendizagem do discente de graduação e futuro docente da disciplina de Filosofia.

Além disso, espera-se que: “O licenciado deverá estar habilitado para [...] despertar os jovens para a reflexão filosófica, bem como transmitir aos alunos do Ensino Médio o legado da tradição e o gosto pelo pensamento inovador, crítico e independente” (PPC de Filosofia/UFAL, 2006, p. 16).

Embora esteja explícito no PPC do Curso o perfil do discente que se deseja formar, ou seja, o futuro professor de Filosofia do Ensino Médio, esta não é uma problemática bem resolvida nas práticas curriculares diárias no interior do Curso. Em outros termos, embora o Curso de Filosofia da UFAL se constitua em uma licenciatura, no cotidiano das práticas curriculares – como: posturas dos professores na sala de aula da UFAL; palestras proferidas; incentivo aos trabalhos de cunho puramente teórico; etc. –, é possível perceber o tom bacharelesco dado ao Curso. Assim, o dito (no documento) fica como não dito (nas práticas curriculares).

Ainda de acordo com o PPC de Filosofia, o futuro docente deve: “Dominar o conhecimento da realidade em que está inserido, para ser capaz de melhor interferir nessa realidade” (PPC de Filosofia/UFAL, 2006, p. 16).

Diante do exposto, fica claro que é preciso uma formação de qualidade, na qual o conhecimento filosófico adquirido na graduação, passe pelo processo de ensino-aprendizagem no Ensino Médio, buscando tornar os sujeitos da escola em sujeitos críticos da realidade que é construída socialmente. Outro aspecto que merece destaque é a preocupação com a realidade e o cotidiano do aluno e da escola.

Mas, qual é o perfil do professor da graduação?

Como deve ser o professor que forma outros professores?

Infelizmente, essas questões não estão explícitas sem nenhum documento oficial. Entretanto, pensamos que é essencial que o professor do Curso de graduação busque olhar o licenciando como futuro professor. O professor deve observar o aluno de graduação, como aquele licenciando que busca adquirir o conhecimento filosófico na Universidade, para depois, realizar a transposição didática (FAVARETTO, 2011) desse conteúdo no seu ofício como futuro docente, para assim, desempenhar na sala de aula do Ensino Médio o papel de “ponte” entre o conhecimento adquirido inicialmente na graduação e os alunos da educação básica. O licenciando pode até se tornar pesquisador de um curso de pós-graduação, mas o objetivo de uma licenciatura é formar o professor-pesquisador (Artº 2º, Inciso IV e Artº 3º, Inciso III da Resolução CNE/CP Nº 1, de 18 de fevereiro de 2002).

Ainda segundo o PPC de Filosofia da UFAL, o Curso é formado por seis eixos que compõem o Ordenamento Curricular na formação do conhecimento do discente em Filosofia. São eles:

Quadro nº 1: Eixos Curriculares e Respectivas Disciplinas do Curso de Filosofia da UFAL

EIXOS	DISCIPLINAS
PROPEDEUTICO	Ø Língua Portuguesa I e II; Ø Metodologia Científica; Ø Oficina de Textos Filosóficos; Ø Introdução à Filosofia; Ø Sociologia.
HISTÓRICO	Ø História da Filosofia Antiga I e II; Ø História da Filosofia Medieval; Ø História da Filosofia Moderna I e II; Ø História da Filosofia Contemporânea I e II.
	Ø Profissão Docente; Ø Política e Organização da Educação Básica no

PEDAGÓGICO-FILOSÓFICO	Brasil; Ø Planejamento, Currículo e Avaliação da Aprendizagem; Ø Projeto Pedagógico, Organização e Gestão do Trabalho Escolar; Ø Pesquisa Educacional; Ø Filosofia e educação; Ø Libras – Língua Brasileira de Sinais; Ø Estágios Supervisionados I, II, III e IV.
TEMÁTICO-REFLEXIVO	Ø Ética; Ø Estética; Ø Lógica; Ø Teoria do Conhecimento; Ø Problemas Metafísicos; Ø Filosofia da Linguagem; Ø Filosofia Política; Ø Filosofia das Ciências; Ø Antropologia Filosófica.
INVESTIGATIVO	Ø Metodologia da Pesquisa Filosófica; Ø Trabalho de Conclusão de Curso.
MÓVEL	Ø Disciplinas Eletivas.

Fonte: Quadro construído a partir do PPC de Filosofia (2006).

A partir dessa organização curricular que visa à formação do docente, o futuro professor de Filosofia deve desenvolver algumas das habilidades e competências em cada eixo, desenvolvendo aptidões para a leitura, a reflexão e a escrita em relação ao **Eixo Propedêutico**, segundo o PPC de Filosofia (2006, p. 21).

Buscam, através do **Eixo Histórico-filosófico**, adentrar no conhecimento do contexto histórico da Filosofia, ou seja, o graduando deve obter o conhecimento, em linhas gerais, sobre o que foi a Antiguidade, a Idade Média, a Modernidade e a Contemporaneidade (PPC de Filosofia, 2006, p. 22).

Com relação aos elementos que compõem à prática docente, tais como, o ensino-aprendizagem, a teoria-prática e a filosofia-educação, o **Eixo Pedagógico-filosófico** deve buscar refletir sobre a docência através de vias dialéticas (PPC de Filosofia, 2006, p. 22).

O **Eixo Temático-reflexivo** deve ajudar o graduando a conhecer e problematizar os variados temas que são objetos da Filosofia e como eles podem ser tratados de acordo com cada momento e por cada pensador ou filósofo, utilizando para isso também das disciplinas eletivas do curso (PPC de Filosofia, 2006, p. 23). Com isso, diante destes conhecimentos, o licenciando buscará, através do último eixo, o **Eixo Investigativo**, praticar pesquisas problemáticas para as conclusões das disciplinas e, posteriormente, para a conclusão do Curso (PPC de Filosofia, 2006, p. 23).

Assim, podemos perceber que em toda a organização curricular, o conhecimento é organizado com o objetivo de formar professores e filósofos, ao mesmo tempo, através da Ética, da Estética, da História da Filosofia (Antiga, Média, Moderna e Contemporânea), segundo o documento em questão, o PPC de Filosofia (2006).

Porém, mesmo diante das orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN, 2002)– acerca do ensino; da obrigatoriedade das disciplinas pedagógicas; do significado do termo “licenciatura” e de sua ligação com a formação de professores de Filosofia para a prática docente no ensino médio – o Curso de Licenciatura em Filosofia da UFAL vive uma “crise de identidade”, podemos traduzir nesses termos. O Curso de Filosofia não assume a sua identidade enquanto Curso de Licenciatura que forma professores-pesquisadores de Filosofia para o ensino médio. No cotidiano do Curso, podemos perceber questões não ditas propriamente, mas que ficam subentendidas, como: Formar filósofos ou professores de Filosofia?

Bacharelado ou Licenciatura?

Ensino ou Pesquisa?

É possível tratar sobre Ensino de Filosofia na pesquisa de conclusão de curso ou não?

Entre essas discussões e questões, não podemos perder de vista um fato essencial: todos os docentes do Curso de Filosofia da UFAL fizeram concurso público para serem professores de um Curso de Licenciatura; e que os alunos – graduandos do Curso – prestaram vestibular ou ENEM para o Curso de Licenciatura em Filosofia. Nesse sentido, ter dúvidas ou levar questões sobre a natureza do Curso de Filosofia da UFAL parece perda de tempo ou “crise de identidade”, isso em nossa opinião.

Faz-se necessário repetir: o Curso de Filosofia da UFAL é uma licenciatura. Então, diante da indagação: O Curso deve buscar formar professores-pesquisadores de Filosofia para a educação básica?

– consideramos essa indagação desnecessária, que só demonstra a atitude de resistência em relação à licenciatura por parte da maioria dos professores do Curso.

Ora, todo graduado em Geografia é geógrafo; em História é historiador; e por que o graduado/professor em Filosofia não pode ser também filósofo?

[ii]

Indagamos: Formar professores de Filosofia não implica em formar o pesquisador também?

Em relação à Filosofia, um pesquisador não pode ser professor e um professor não pode ser um pesquisador?

Um professor de um Curso de Bacharelado (seja ele qual for) não é professor?

Essas problemáticas constam, até mesmo, no PPC de Filosofia da UFAL (2006, p. 19):

Enfatizamos que nos nossos cursos ainda predomina uma certa resistência quanto ao tratamento dessas questões. Estamos mais preocupados em formar estudantes que estejam preparados para serem bons pesquisadores e para ingressarem nos cursos de pós-graduação do que em formar bons professores, como se formar um bom pesquisador não implicasse também formar um professor, ou em formar um professor não implicasse formar um pesquisador.

Diante de tal problemática, como fica o licenciando em Filosofia na UFAL?

O licenciando também fica/entra em “crise de identidade” e tem dificuldade de entender as atitudes do(s) professor(es) que resiste(m) a função/natureza do próprio Curso de Licenciatura da UFAL, ou seja, formar professores-pesquisadores de Filosofia para o ensino médio.

É importante ressaltar que, no cenário nacional, há elementos que deveriam contribuir para a mudança de atitude e de mentalidade entre os professores do Curso de Filosofia, em todo território brasileiro, pois nos últimos anos, houve/há um intenso debate sobre a importância do ensino de Filosofia no ensino médio, ganhando, inclusive, a atenção da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), que a partir de 2012, criou o GT sobre Filosofia no Ensino Médio, evento bienal.

Outra iniciativa importante, a nível nacional, foi a criação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID), que é patrocinado pelo Governo Federal desde 2008 (CAPES, 2008) e busca incentivar os alunos de graduação a participar da vivência em sala de aula nas escolas públicas do Estado. O Curso de Filosofia da UFAL aderiu ao Programa em 2011 (BIÃO, 2011).

A UFAL criou em 2013 o Programa de Ações Interdisciplinares (PAINTER/UFAL), que possibilita aos graduandos vivenciarem a interdisciplinaridade por meio de pesquisa, ensino e extensão. Em relação ao ensino de Filosofia o PAINTER teve o desenvolvimento de dois projetos (MELO, 2012; 2014a).

Noutras palavras, mesmo com todo o debate sobre a importância do ensino de Filosofia no ensino médio e com todo investimento que vem sendo aplicado nos últimos anos, ainda há muita resistência dos professores do Curso de Filosofia da UFAL em relação a função da licenciatura: formar professores-pesquisadores de Filosofia para atuarem no ensino médio.

Entretanto, emblemático é o próprio PPC de Filosofia da UFAL que busca afirmar sobre a necessidade de se formar professores dessa área e da importância que a Filosofia tem para a sociedade, de uma forma geral, e para os licenciados em Filosofia, em particular:

O Curso de Filosofia da UFAL, através de seus professores e estudantes, ao fazer sua reestruturação, procurou partir da realidade concreta. Refletiu sobre a forma como se organiza, educa e prepara os indivíduos para viverem nele mesma; sobre os conhecimentos e as experiências historicamente acumuladas, tanto pelo conjunto da humanidade, quanto pelo próprio Curso [...] o Curso de Filosofia tem um papel importante a desempenhar, pois se, por um lado, a realidade, a educação e a Filosofia são determinadas, por outro lado, também são determinantes sociais. [...] Não se trata de política em detrimento da educação ou da Filosofia, nem fazer política educacional ou de fazer Filosofia desconsiderando a dimensão política. Trata-se de, consciente e intencionalmente, fazer política e cultura fazendo educação e filosofando (PPC de Filosofia/UFAL, 2006, p. 5).

Contudo, apesar do exposto até o momento, é preciso entender que o conhecimento filosófico, adquirido no Curso de Graduação em Filosofia e da disciplina de Filosofia no Ensino Médio, pode ter um papel transformador no nosso Estado, na sociedade e, principalmente, na vida do indivíduo em particular, seja ele: professor, graduando ou aluno do ensino médio.

Uma coisa é essencial para a melhoria do Curso de Filosofia da UFAL: uma reformulação curricular que possa contribuir de forma positiva na formação de professores-pesquisadores, focando na necessidade de se obter uma base conceitual aprofundada e adequada para que o futuro professor possa adquirir habilidades para trabalhar o conhecimento aprendido na Universidade dentro da sala de aula, de forma significativa para os alunos do Ensino Médio (LIMA, 2014). Ou seja, é

imprescindível insistir nessa necessidade: adequar a base conceitual do que se estuda nas Universidades com os olhos no público alvo, que neste caso, são os alunos de Filosofia do Ensino Médio.

Segundo, Walter Matias de Lima (2000, p. 203):

[...] a partir dos parâmetros curriculares propostos pelo Ministério da Educação, a filosofia tende a se constituir como disciplina no currículo escolar, o que exigiria um professor qualificado para o ensino dessa disciplina. Entenda-se qualificado, aqui, como alguém que, em princípio, graduou-se em filosofia e que possui habilitações didático-pedagógicas específicas para o ensino de filosofia no Ensino Médio. No entanto, e na maioria das universidades brasileiras, o graduado em filosofia não tem formação suficiente para exercer tal atividade, ou exerce de forma precária, por causa dos conteúdos, muitas vezes, panorâmicos das disciplinas da licenciatura.

A Filosofia como disciplina obrigatória no ensino médio, exige que o graduando e o futuro professor de Filosofia possuam uma formação prática e teórica acerca do conhecimento filosófico, para assim, agir como “ponte” mediadora entre o conhecimento filosófico e o aluno das escolas públicas de ensino médio. Em outros termos, o conhecimento filosófico que historicamente era destinado apenas à elite, hoje deve e pode estar disponível para todos, de forma democrática na sala de aula. Para isso, depende do compromisso de todos os professores com a socialização do conhecimento filosófico, seja na universidade ou nas escolas de nível médio.

A importância das disciplinas pedagógicas para a formação do professor de filosofia

Consideramos que as disciplinas pedagógicas do Curso de Filosofia da UFAL, principalmente as disciplinas de Estágio Supervisionado I, II, III e IV, normalmente ministradas por professores do Centro de Educação, podem e devem fazer a sua parte no que concerne à necessidade de formar bons professores de Filosofia, que devem dominar o seu ofício de professor, na teoria e na prática. Elas devem propiciar ao estudante de licenciatura uma proximidade com a realidade escolar, por meio da disciplina Filosofia no ensino médio, ou seja, conhecer a sala de aula e interagir com os sujeitos educacionais do universo escolar.

Nesse aspecto, Junot Matos (2013a, p. 45) afirma que:

Os livros, as grandes teorias, as escolas de pensamento cumprem uma função específica dentro da sua formação, mas não são tudo, nem definem, *a priori*, o modo de atuar como docente. É necessário atentar para a realidade, que é muito mais rica e complexa, e rever, à luz de suas provocações, todo esse volume de saber sistematizado, o qual, por sua vez, origina novos estímulos em face dessa realidade sempre dinâmica.

Assim, as disciplinas pedagógicas e os Estágios Supervisionados em Filosofia podem buscar propiciar ao licenciando, um conhecimento acerca da educação, em geral, e sobre o ensino de Filosofia no Ensino Médio, em particular. Esse contato com o contexto educacional deveria ser do início ao fim da graduação. Entretanto, o licenciando só tem contato com o estágio a partir da metade do curso, no quinto (5º) período, conforme estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica nos cursos de licenciatura (Resolução CNE/CP Nº 1, de 18 de fevereiro de 2002),

No PPC de Filosofia da UFAL (2006, p. 22-23), afirma-se que:

As disciplinas pedagógicas exigidas por lei como espaços de formação básica de um professor de segundo grau e, na medida do possível, já nesse momento, tais disciplinas poderão se preocupar com a formação básica de um professor de Filosofia, dimensionando suas reflexões a partir da problemática filosófica do ensino da Filosofia.

Ainda segundo o PPC de Filosofia/UFAL (2006, p. 07), a disciplina de Estágio Supervisionado tem a responsabilidade de articular o ensino, a pesquisa e a extensão, no entanto, seu maior objetivo é superar “a fragmentação teórico-prática”.

Esse objetivo previsto para as disciplinas de Estágio Supervisionado apenas cumpre a proposta presente na Lei de Diretrizes e Bases – LDB (9394/96), parágrafo único do Art. 61, que assegura que a formação dos profissionais da educação básica terá como um dos fundamentos “a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço”.

No Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal de Alagoas, as disciplinas de Estágio Supervisionado em Filosofia I, II, III e IV têm se desenvolvido através de visitas às escolas para um breve levantamento da realidade escolar, que vai da comunidade que circunda o colégio, até seus espaços interiores; além de se fazer entrevistas com os professores de Filosofia que já exercem a atividade docente nas escolas públicas do Estado (MELO, 2014b). Corroborando com

essa prática, Junot Matos afirma que: “Não se trata mais de construir teoria sobre teoria e ficar no blábláblá” (MATOS, 2013a, p. 45).

Elas (as disciplinas de Estágio) problematizam sobre questões que envolvem o planejamento de aula e estudos sobre os desafios e os problemas que envolvem o ensino filosófico. Buscando associar de forma intrínseca a teoria e a prática docente, essas temáticas começam a fazer parte do cotidiano do graduando de Filosofia bem antes dele adentrar na sala de aula como um professor de ofício, ou seja, dentro desse campo teórico-prático do estágio, busca-se enfatizar a produção de unidades temáticas da filosofia, planejamentos de aulas para a efetivação dessas propostas em sala de aula. E no último estágio, o estudante/estagiário assume a regência de aulas de Filosofia em uma escola pública (MELO, 2014b; LIMA, 2015).

É preciso que o aluno-discente e futuro docente estejam inseridos na realidade a ser vivenciada por ele num futuro próximo, de forma interna (Teoria universitária) e de forma externa (Prática e experiência escolar), pois, assim como afirma o professor do Curso de Filosofia da UFAL, Dr. Artur Bispo dos Santos Neto, “A educação acontece no cotidiano, mediante todo movimento de exteriorização e interiorização” (SANTOS NETO, 2014, p. 25).

Noutras palavras, o processo de formação do conhecimento do futuro professor deve acontecer em meio aos muros da Universidade, mas em comunhão com a realidade e a experiência da escola pública, fora dos muros da academia.

É importante frisar que, na maioria das vezes, o graduando de Filosofia tem o primeiro contato com o ensino de Filosofia no ensino médio e com a realidade escolar apenas a partir da disciplina de Estágio Supervisionado, no 5º período, ou seja, ele tem uma experiência tardia com esse contexto e seu futuro campo de trabalho (LIMA, 2014).

Segundo Junot Matos (2013a, p. 39):

O aprendizado docente e a construção de específicos saberes profissionais passam por toda sua trajetória de vida. Não é por acaso que nos tornamos professor/professora; e muito menos que nos direcionamos a este ou àquele campo do conhecimento. A formação inicial oferece instrumentos e deve preparar-nos o caminho, abrindo horizontes para o exercício pertinente à docência. Mas é no trabalho pedagógico desenvolvido no chão da escola que efetivamente configuramos nosso jeito peculiar de ser e de atuar, conferindo-nos uma identidade, em permanente mutação.

É cabível salientarmos que o conhecimento adquirido através dos estudos sobre as metodologias de ensino para a disciplina Filosofia no ensino médio, que os estágios vêm proporcionando aos licenciandos do Curso de Filosofia da UFAL, têm sido riquíssimo para a formação e a prática do futuro docente. Com esse conhecimento, o aluno-estagiário aprende a planejar aulas de filosofia significativas para aplicar no ensino médio.

Sua proposta de desenvolvimento se realiza tanto na academia, com análise e debate de textos sobre o ensino de Filosofia, como também, se realiza nos trabalhos de campo, através de estudos de casos (entrevistas e observações), na sala de aula, com os alunos e com os professores em exercício, conhecendo a realidade da escola pública de perto (MELO, 2014b).

Diante disso, o futuro professor de Filosofia, em meio aos exercícios dos Estágios Supervisionados, começa a configurar e a construir a sua identidade enquanto futuro docente, ou seja, deixa evidente no licenciando a importância do processo de formação do professor-pesquisador.

Nessa perspectiva, Junot Matos (2013a, p. 46) vai afirma que:

Também é preciso ter em conta que não é o simples fato de concluirmos uma graduação que nos torna um professor/professora. Tal identidade vai sendo construída, progressivamente e dialeticamente, mediada pelo exercício da docência. Dessa forma, pensamos que não existe o professor a priori – pronto –, nos moldes desses “pacotes pedagógicos” tão divulgados em tempos de “qualidade total”. Vamos nos tornando professores, mediados pelo trabalho pedagógico que desenvolvemos no chão da escola.

Portanto, os Estágios Supervisionados tem se constituído em estudos teóricos e práticos, tendo como principal intenção a formação dos licenciados que passam a transformar o complexo conhecimento filosófico da academia em conhecimento acessível, claro e instigante para os alunos do Ensino Médio.

Ensino de Filosofia: teoria e prática

Partimos do pressuposto de que o conhecimento filosófico é importante para a formação humana, de uma forma geral. Dessa forma, é imprescindível uma reflexão sobre a relevância desse conhecimento na formação do licenciando do Curso de Filosofia, pois ele, futuramente, exercerá o papel de sujeito intermediário entre o conhecimento filosófico e o aluno, no processo de ensino e aprendizagem.

É possível constatar na História da Filosofia, precisamente a partir de seu nascedouro, na Grécia Antiga, que sempre houve a preocupação com o levantamento de questões voltadas para a investigação e a problematização sobre o real, sem, necessariamente, apresentar respostas prontas, ou seja, a posição filosófica sempre buscou ser mais indagativa e questionadora do que o lugar da resposta decisiva e inquestionável.

Nessa perspectiva, concebemos o papel do professor-pesquisador de Filosofia como aquele que incentiva a(s) pergunta(s) e não, necessariamente, a(s) resposta(s). Ele deve agir como um fio condutor, mediando o conhecimento filosófico e o aluno, e vice-versa. Como vai afirmar o professor Junot Cornélio Matos (2013b) – utilizando-se de “Zaratustra” para lembrar as ideias do filósofo Nietzsche:

O homem é uma corda estendida entre o animal e o super-homem – uma corda sobre o abismo./ É o perigo de transpô-lo, o perigo de estar a caminho, o perigo de olhar para trás, o perigo de tremer e parar. O que há de grande, no homem, é ser ponte, e não meta: o que pode amar-se, no homem, é ser uma transição e um acaso (MATOS, 2013b, p. 28).

Saber/aprender sobre a necessidade de se obter o conhecimento enquanto um construto humano é indispensável. Nesse sentido, consideramos que o professor pode assumir este papel de mediador ou de fio condutor entre o conhecimento filosófico e o aluno na sala de aula.

A prática e a teoria sobre o ensino de Filosofia servirão como bases metodológicas do professor diante das problematizações dos alunos em sala de aula. Essa base teórica e metodológica serão os principais instrumentos do professor em busca de formar indivíduos questionadores e, acima de tudo, indivíduos com autonomia crítica de pensamento.

Nesse sentido, o licenciando em Filosofia, no percurso da sua formação, deve procurar desvelar os meios práticos e teóricos que serão essenciais para a consolidação de seu exercício enquanto futuro docente. Destarte, é importante a busca pelo pensar como exercício do criar (LIMA, 2000), ou seja, o futuro professor não pode apenas conceituar e reproduzir o conteúdo na sala de aula, mas criar a partir do conhecimento que foi adquirido em sua formação, de forma prazerosa e instigante, juntamente com os alunos, no chão da sala de aula (ARROYO, 2011).

Mas, qual(is) filosofia(s) ensinar?

A Filosofia enquanto forma de conhecimento é uma (unidade). Entretanto, enquanto prática reflexiva, ela é múltipla, pois são várias filosofias que encontramos na história da Filosofia.

Nesse sentido, cabe ao futuro professor de Filosofia ter em mente a importância de (re)pensar a concepção de Filosofia que vai seguir, pois certas concepções filosóficas trazem consigo implicações de natureza antropológica e epistemológica.

A Filosofia, nos moldes metafísicos, se apoia numa concepção essencialista de homem. Além disso, a ideia de ser a primeira ciência sempre a povoará, o que causará sérios problemas para o diálogo interdisciplinar. Em outros termos, pensar a Filosofia a partir do paradigma da metafísica trará para o licenciando uma compreensão de que a Filosofia é o lugar do “tribunal da razão”, epistemologicamente falando.

Por sua vez, pensar a Filosofia nos moldes de uma concepção pós-metafísica, significaria pensar o saber filosófico caracterizado por uma postura mais hermenêutica, crítica e dialógica com os demais saberes e áreas do conhecimento. Além disso, uma concepção pós-metafísica implica uma visão de homem enquanto sujeito em processo constante de construção de si mesmo, do outro, do mundo e do conhecimento.

Na perspectiva de Muhl (2003, p.315):

Na visão reconstrutiva dos saberes de Habermas, a filosofia passa a exercer um duplo papel: deve se constituir em uma teoria crítica da sociedade e, simultaneamente, promover o processo de cooperação interdisciplinar. Seu papel crítico relaciona-se à função de mediar a relação entre o processo de entendimento presente no mundo da vida e os conhecimentos promovidos pelas diversas instâncias do saber; sua principal tarefa, neste particular, é realizar a crítica ao conhecimento científico e restabelecer o saber de fundo ligado a nossas intuições gramaticais e ao mundo da vida.

Nesta perspectiva, concordamos com Habermas (2012) que concebe a Filosofia como intérprete, como “guardiã da razão”. O seu papel junto às outras áreas do conhecimento revestiria-se de um caráter transdisciplinar, já que ela não teria mais a pretensão de ser a primeira ciência. A partir desta compreensão, a Filosofia passaria a revalorizar o papel da linguagem no âmbito do conhecimento humano e filosófico. Assim, o fazer filosófico inscreve-se no âmbito das figuras do aprender, mantendo uma dupla relação com o conhecimento: epistêmica e identitária.

Segundo Dalbosco (2007, p. 39-40):

Habermas chega ao conceito pragmático-linguístico, de caráter processual e falível, de razão. É o caráter processual e interativo de racionalidade

comunicativa que exige a crítica à “razão metafísica” da modernidade e a sua pressuposição básica que diz respeito a um tipo de racionalidade fundamentada por uma estrutura auto-reflexiva do sujeito pensante solitário que se debruça sobre si mesmo, pensando o mundo e a si mesmo a partir de uma atitude objetivante.

A partir desta mudança de paradigma ou deslocamento epistemológico, de uma perspectiva metafísica da Filosofia para uma perspectiva pós-metafísica, poderíamos conceber/perceber que o processo formativo implicaria uma atitude do licenciando em Filosofia, de forma que ele possa perceber o papel da razão na construção de ambientes educativos mais dialógicos, críticos, interpretativos e normativos. Neste sentido, abre-se um processo de formação mais aberto aos apelos do mundo da vida, considerando o horizonte cultural como elemento fundamental para a formação crítica e emancipatória (HABERMAS, 2014). Neste sentido, esta nova perspectiva de Filosofia só pode radicar-se numa sociedade radicalmente democrática, em que o fazer e o pensar filosóficos inserem-se num aprendizado social e fundamentado nos princípios éticos.

Considerações finais

O Curso de Licenciatura em Filosofia da UFAL tem a função de formar professores-pesquisadores para a atuação no ensino médio, queira/deseje os professores do Curso ou não.

No processo de formação do professor-pesquisador de Filosofia é essencial o desenvolvimento de experiências teóricas e práticas que possibilitem ao licenciando a transposição didática, ou seja, transformar o conteúdo erudito em algo acessível ao aluno do ensino médio (RODRIGO, 2009), fazendo-o perceber a importância do conhecimento filosófico, ou seja, o quanto seria saboroso ter acesso a esse tipo de conhecimento no seu dia-a-dia. Para isso, é necessário um professor bem formado, que eduque, oriente, acompanhe e norteie o aluno para um entendimento crítico sobre a realidade que o cerca e sobre o aprendizado do conhecimento filosófico. Nesse processo, as disciplinas de Estágio Supervisionado em Filosofia têm desempenhado um papel importantíssimo.

Segundo Matos (2013a, p. 203), ser professor de Filosofia no ensino médio não se resume a só ensinar, mas pressupõe o levantamento de questões essenciais: “[...] perguntar constantemente: o que ensinar, para que ensinar e como ensinar”. Nesse sentido, é importante que o professor-pesquisador de Filosofia tenha claro a sua concepção de Filosofia, de homem, de mundo, ou seja, é necessário vencer a barreira do “obstáculo epistemológico” como vai colocar Gaston Bachelard (1996), ou seja, não podemos ficar aprisionados a experiência primeira. Precisamos desenvolver um processo contínuo de formação e transformação identitária e epistêmica.

Referências ARROYO, Miguel G. **Currículo, Território em Disputa**. 2 ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2011. BIÃO, Ruslane. **Projeto PIBID/Sub área de Filosofia**. Maceió: Curso de Licenciatura em Filosofia/UFAL, 2011. Mimeo. BACHELAR, Gaston. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC. **Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação em Filosofia**. Resolução CNE/CES 12, de 13 de Março de 2002.

Disponível em:

<<<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>
>>

Acesso em: 28 Nov. 2014. _____. **Resolução CNE/CP Nº 1, de 18 de fevereiro de 2002**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.

Disponível em:

<portal.mec.gov.br/arquivos/pdf>.

Acesso em: 30 Set. 2014. BRASIL. CAPES. **PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência**. 03 de Setembro de 2008.

Disponível em:

<<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>>

Acesso em: 21 Jul. 2016. BRASIL. Ministério da Educação. **LDB – Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

Disponível em:

<portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf
>.

Acesso em: 30 Set. 2014. DALBOSCO, Claudio Almir. **Pedagogia Filosófica**: cercanias de um diálogo. São Paulo: Paulinas, 2007. FAVARETTO, Celso Fernando. O papel estratégico da Filosofia na educação básica. In: **Revista Dialogia**. São Paulo: Universidade Nove de Julho (UNINOVE), 2011. HABERMAS, Jurgen. **Conhecimento e Interesse**. Trad. Luiz Repa. – I. ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2014. _____. **Teoria do Agir Comunicativo 2**: sobre a crítica da razão funcionalista. Trad. Flávio Beno Siebeneicher. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

LIMA, José Anderson de Oliveira. **Ensino de Filosofia: Pensando e debatendo a formação dos professores de filosofia do ensino médio.** 2014. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Maceió: Curso de Licenciatura em Filosofia/UFAL, 2014. LIMA, José Aparecido de Oliveira. **A Importância do Conhecimento Filosófico na Formação do Licenciado em Filosofia e do Aluno do Ensino Médio.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Maceió: Curso de Licenciatura em Filosofia/UFAL, 2015. LIMA, Walter Matias de. Considerações sobre Filosofia no Ensino Médio Brasileiro. *In: GALLO, Silvio. KOHAN, Walter (Orgs.). Filosofia no ensino médio.* Petrópolis: Vozes, 2000. p. 197-205. MATOS, Junot. **A formação pedagógica dos professores de Filosofia: Um debate, muitas vozes.** São Paulo: Edições Loyola, 2013a. MATOS, Junot. Fundamentos filosóficos do Ensino de Filosofia. *In: MATOS, Junot. COSTA, Marcos (Orgs.). Filosofia: caminhos do ensinar e aprender.* Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013b. p. 23-37. MELO, Elizabete Amorim de Almeida. **Projeto PAINTER/UFAL: Ensino de Filosofia na Universidade e nas Escolas Públicas em Alagoas: História, problemas e desafios.** Maceió/AL: Centro de Educação/UFAL, 2014a. Mimeo. MELO, Elizabete Amorim de Almeida. Estágio Supervisionado em Filosofia na UFAL: Aprendendo e ensinando sobre os caminhos da docência. *In: Anais da Semana de Pedagogia da UFAL*, 2014b.

Disponível em:

<http://
epeal2014.dmd2.webfactional.com
/trabalhos-identificado/892-artigo-com-identifica%C3%A7%C3%A3o-SEM-DE-PED-2014.pdf
>.

Acesso em: 14 Fev. 2015. MELO, Elizabete Amorim de Almeida. Sugestão metodológica para o Ensino de Filosofia no Ensino Médio. *In: Anais da Semana de Pedagogia da UFAL*, 2013.

Disponível em:

<http://
www.
semanadepedagogiaufal.com
.br
>

Acesso em: 08 Set. 2014. MELO, Elizabete Amorim de Almeida. **Projeto PAINTER/UFAL: Possibilidades e Desafios para o Ensino de Filosofia no Ensino Médio na Rede Pública de Alagoas:** Mapeamento sobre a formação e atuação dos professores, conteúdos ministrados, metodologias e recursos didáticos utilizados. Maceió/AL: Centro de Educação/UFAL, 2012. Mimeo. MUHL, Eldon Henrique. **Habermas e a Educação:** ação pedagógica como agir comunicativo. Passo Fundo: UPF, 2003. RODRIGO, Lidia Maria. **Filosofia em sala de aula:** teoria e prática para

o ensino de filosofia. Campinas/SP: Autores 2009. (Coleção Formação de Professores). PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção Docência em Formação. Série Saberes Pedagógicos). SANTOS NETO, Artur Bispo dos. **Universidade, ciência e violência de classe**. São Paulo: Instituto Lukács, 2014. UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Filosofia**. 2006.

Disponível em:

<http://

www.

ichca.ufal.br

/graduacao/filosofia/wp-content/uploads/PPC_Filosofia_Licenciatura.pdf

>

Acesso em: 08 Set. 2014.

[i]Artigo orientado pelo Professor da Pós-graduação do Centro de Educação – CEDU/UFAL, Dr. Anderson de Alencar Menezes. [ii]Fala do Professor Dr. Walter Matias de Lima (UFAL), em uma palestra acerca da formação do professor de Filosofia.

*Mestrando em Educação – PPGE/CEDU/UFAL. Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas/UFAL. E-mail: aparecido.filosofia@gmail.com

. **Doutoranda em Educação – CEDU/UFAL. Licenciada em Filosofia/UFAL e Mestre em Educação/UNICAMP. Atualmente é Professora de Estágio Supervisionado em Filosofia da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: elizabete.amorim@yahoo.com

.br

Recebido em: 24/07/2016

Aprovado em: 26/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: